

Gros surpreso com a dureza dos credores

GAZETA MERCANTIL

26 FEV 1992

por Celso Pinto
de Paris

A negociação entre o Brasil e seus credores oficiais no Clube de Paris atravessou o seu segundo dia, ontem, ainda empacada numa questão básica: a definição do volume de dinheiro disponível para o acerto, segundo o presidente do Banco Central, Francisco Gros.

"É uma negociação dura, porque nós temos uma margem de manobra muito restrita", explicou Gros a este jornal. "Mas não há nenhum tipo de impasse." Gros não arrisca prever o desfecho das negociações, mas, como faltam ainda vários detalhes técnicos para serem resolvidos depois de superadas as dificuldades conceituais, pode-se dizer que a hipótese mais otimista seria a de uma conclusão hoje.

Gros disse que imaginava que alguns aspectos da proposta brasileira pudessem gerar discussões, mas surpreendeu-se ao constatar a disposição dos credores em, antes disso, questionar a própria base conceitual da proposta. Antes de se discutir quanto do dinheiro que o Brasil estaria disposto a pagar para os credores oficiais iria para que tipo de pagamento, explicou Gros, duas questões anteriores estão na mesa: como tornar o volume de pagamentos compatível com o programa de ajuste acertado com o FMI e como fazer com que ele seja equitativo com o tratamento dado aos bancos privados.

O pacote apresentado pelo Brasil previa o reescalonamento de cerca de US\$ 14 bilhões da dívida global de US\$ 21 bilhões. Os credores querem reescalonar menos do que isso. Na segunda-feira, numa rodada de ne-



Francisco Gros

gociações que foi das 8 horas da manhã às 2 horas e 30 da madrugada de

(Continua na página 21)

As bolsas de valores abriram em queda, ontem, com a notícia de que o Brasil estava tendo dificuldades na negociação com os credores do Clube de Paris. A expectativa em relação ao acordo deixou o mercado sem tendência definida. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) recuperou-se no fechamento, que foi com alta de 1%. Mas a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ) caiu 0,9%.

(Ver página 22)

Gros surpreso com a dureza dos...

por Celso Pinto
de Paris
(Continuação de 1ª página)

ontem, os números se aproximaram, mas não o suficiente, do ponto de vista brasileiro.

O argumento central de Gros é simples. O que o Brasil diz poder pagar é resultado de cálculos embutidos no programa com o FMI e no que pretende oferecer aos bancos privados. Não é possível aumentar o volume sem afetar ou a consistência do programa do Fundo ou a substância do acordo com os bancos. Alguns pontos, de todo modo, estão sujeitos a discussão. O principal deles é o nível atual de reservas cambiais e as perspectivas para o ano. Também neste ponto, no entanto, como lembrou Gros, é preciso atender às previsões do FMI de expansão das reservas.

Gros admite que a negociação com o Clube de Paris é complexa porque o Brasil tem um passado "de muitos atrasados e alguns malentendidos". Além disso, o volume em negociação é muito grande e alguns termos pedidos poderiam ser entendidos como precedentes por outros países.

Ele não citou exemplos de precedentes, mas podem-se lembrar dois pontos importantes: o prazo de dezoito anos pedido pelo Brasil e o reescalonamento de dívida que já foi previamente renegociada pelo clube. Nos dois casos, o Clube de Paris já ofereceu estas condições a outros países, mas não da dimensão ou importância do Brasil.

Algumas questões específicas foram levantadas na negociação, como a resistência em se renegociarem pagamentos a vencer em 1992 e 1993 referentes à renegociação brasileira de 1988. Segundo Gros, contudo, essas questões específicas têm de ser precedidas pela questão maior da definição do volume de recursos disponíveis para pagar os credores oficiais, com-

patível com o ajuste. Definido o volume, definem-se as condições específicas de distribuição dos recursos nas nove categorias distintas de pagamento previstas.

Uma das dificuldades para se prever o desfecho é a mecânica da negociação. Os países credores se reúnem em separado do Brasil e o presidente do clube, Jean-Claude Trichet, leva e traz o que é decidido em cada lado. "Negociamos por espelhos", na imagem usada por Gros. A falta de um contato face a face torna mais difícil saber a posição de cada país na negociação e avaliar melhor a tendência das delegações.

"Não temos muito espaço para fazer muita novidade porque o plano de ajuste não tem gordura", argumenta Gros. "A dureza da conversa reflete a dificuldade e a dureza da conversa interna." A equipe não quer, em nenhuma hipótese, comprometer-se com um esquema de pagamento que crie dificuldades para o programa de ajuste nos próximos anos.

Segundo o jornal econômico francês Les Echos, o Clube de Paris quer um acordo com o Brasil com um período de carência muito curto, de um a dois anos, a partir do qual o pagamento do principal seria progressivo. O clube aceitaria um reescalonamento por um prazo superior a dez anos, mas acha excessivo o prazo de dezoito anos sugerido pelo Brasil.

No giro que fez pela Europa há duas semanas, o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, ouviu de vários interlocutores, até mesmo de Trichet, a previsão de que a negociação no Clube de Paris seria muito dura. Como a equipe procurou ouvir todos os principais países desenvolvidos antes da negociação, acabou apostando num acordo sem grandes problemas. Na prática, contudo, confirmou-se a previsão inicial dos credores de que essa seria uma discussão complexa.